



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Praça da Graça em Parnaíba (1964-1985): Patrimônio, memória e identidade

Praça da Graça (1964-1985): Heritage, Memory and Identity

Praça da Graça (1964-1985): Patrimonio, Memoria y identidad

MEIRELES, Ísis (1);

AFONSO, Alcilia (2)

(1) Professora Mestranda em História do Brasil, PPGHB, Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, PI, Brasil;
email: isismeiros@ufpi.edu.br

(2) Professora Doutora, PPGHB, Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, PI, Brasil; email:
kakiafonso@hotmail.com.br

Praça da Graça em Parnaíba (1964-1985): Patrimônio, memória e identidade

Praça da Graça (1964-1985): Heritage, Memory and Identity

Praça da Graça (1964-1985): Patrimonio, memoria y identidad

RESUMO

O artigo tem como título "Praça da Graça(1964-1985): Patrimônio, memória e identidade" e se enquadra no eixo temático que tratará sobre as questões de Patrimônio, cultura e identidade. O objeto de estudo aborda as transformações urbanas ocorridas no cenário da Praça da Graça e seu entorno imediato, localizada na região litorânea do Estado do Piauí, centro histórico do município de Parnaíba, região nordeste do Brasil, durante o período citado. Possui como objeto de estudo o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, ou Praça da Graça, seus equipamentos e configuração urbana, bem como os perfis das edificações fronteiriças a mesma, localizadas nas ruas Oscar Clark, Pires Ferreira e Vereador Alcenor Candeira. O logradouro Praça da Graça e seu entorno compõem a paisagem cultural histórica da cidade constituindo-se em local de memória, símbolo de identificação de uma sociedade cuja trajetória deve ser preservada como patrimônio histórico e cultural formador de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Praça da Graça, patrimônio cultural, lugar de memória

ABSTRACT

The article is titled "Praça da Graça (1964-1985): Heritage, Memory and Identity" and fits into the main theme that talks about issues of equity, culture and identity. The object of study addresses the urban transformations that have occurred in the setting of Grace Square and its immediate surroundings, located in the coastal region of the state of Piauí, historic center of the city of Parnaíba, northeastern Brazil during the period named. Has as its object of study the space delimited by the square of Praça de Nossa Senhora das Graças, or Praça da Graça, equipment and urban settings, as well as the profiles of the same border building, located in the streets Oscar Clark, Pires Ferreira and Vereador Alcenor Candeira. The Praça da Graça street and its surroundings comprise the historic cultural landscape of the city constituting a memory location, identification symbol for a society whose path should be preserved as a historical and cultural heritage forming identity.

KEY-WORDS: Praça da Graça, heritage culture, place of memory

RESUMEN

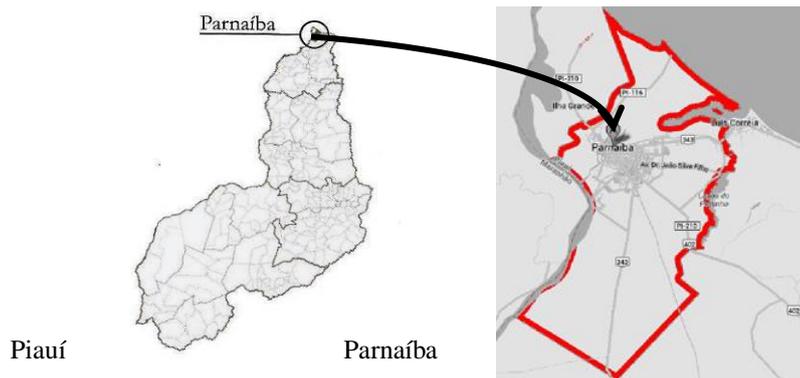
El artículo se titula "Praça da Graça (1964-1985): Patrimonio , Memoria y Identidad", y se inscribe en el tema principal que se habla de cuestiones de equidad, la cultura y la identidad. El objeto de estudio se ocupa de las transformaciones urbanas que se han producido en el entorno de y su entorno inmediato, que se encuentra en la región costera del estado de Piauí, el centro histórico de la ciudad de Parnaíba, al noreste de Brasil durante el período llamado Praça da Graça. Tiene como objeto de estudio el espacio delimitado por la Praça de Nossa Senhora das Graças, o Praça da Graça, el equipo y los entornos urbanos, así como los perfiles del mismo edificio fronterizo, ubicado en las calles Oscar Clark, Pires Ferreira y el concejal Alcenor Candeira. La Praça da Graça, la calle y sus alrededores comprenden el histórico paisaje cultural de la ciudad que constituye una posición de memoria, símbolo de identificación de una sociedad cuya vía de acceso debe ser preservado como patrimonio histórico y cultural de formación de la identidad.

PALABRAS-CLAVE: Praça da Graça, cultura patrimonial, lugar de la memoria

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *Praça da Graça em Parnaíba: Patrimônio, memória e identidade (1964-1985)* trata da dimensão material e imaterial na preservação da memória e na construção de identidades no cenário da Praça da Graça, localizada na região litorânea do Estado do Piauí, centro histórico do município de Parnaíba (figura 01), no período citado, encaixando-se no eixo temático Patrimônio, cultura e identidade.

Figura 01 - Imagem de satélite da cidade de Parnaíba



Fonte: Google Earth, 2013

Possui como objeto de estudo o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, ou Praça da Graça, seus equipamentos e configuração urbana durante o período de sua formação, que se consolidou como lugar de memória na sociedade parnaibana.

Na figura 02 apresenta-se o mapa do logradouro, juntamente com a posição das ruas que a cercam em relação ao norte geográfico e cujos perfis defronte à praça serão alvo de análise desse trabalho.

Figura 02 – Localização da Praça da Graça



Fonte: Google Maps 2013, com modificações da autora.

Estabeleceu-se como recorte cronológico para o eixo temporal, o período ditadura militar no Brasil, época em que ocorreram substanciais transformações físicas, políticas e sociais. A cronologia escolhida possibilitou vislumbrar o passado e o tempo presente, historicizando as múltiplas alterações no sítio em estudo até o fim do recorte temporal. A praça apresenta dois momentos distintos de configuração urbana.



O primeiro momento corresponde à morfologia do traçado e seu entorno, consolidada nas décadas de 40-50 e que perdurou até o início dos anos 80. Ao final do recorte cronológico, acontece um remodelamento, segundo momento de traçado e forma espacial, que modificou o desenho da Praça da Graça completamente, refletindo no logradouro e em seu entorno as mudanças sociais e urbanas do período. Essa última forma se encontra com poucas alterações e permanece até a contemporaneidade.

O conjunto escolhido integra a Paisagem Urbana Histórica de uma cidade de potencial turístico e econômico para o Piauí e vizinhança, sendo parte integrante do Conjunto Histórico Praça da Graça, tombando pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, no ano de 2008. Entende-se por Paisagem Urbana Histórica¹ a definição utilizada pela UNESCO no preâmbulo de “Recomendações sobre a paisagem histórica urbana” que a considera resultado da sobreposição de valores e atributos culturais e naturais de um local, estendendo o contexto urbano para além de seu centro histórico.

A pesquisa possibilita também, dar maior visibilidade à Praça de Nossa Senhora das Graças e as edificações históricas do seu entorno, inserindo-as no cenário das discussões sobre as relações entre poder, arquitetura, urbanismo e sociedade, numa perspectiva histórica e arquitetônica.

A metodologia utilizada trabalhou com dois métodos: O da pesquisa histórica e a pesquisa arquitetônica e urbanística. A pesquisa histórica, concordando com o pensamento de Benévolo (1984) possui natureza funcional sendo essencial para o entendimento de um objeto analisado: “O esclarecimento do processo que levou à situação atual constitui na verdade uma premissa indispensável para abordar essa situação de maneira realista”².

O método da pesquisa arquitetônica e urbanística utilizado foi apresentado por Serra (2006) em seu livro *Pesquisa em Arquitetura e urbanismo / Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação e fundamenta a análise de componentes arquitetônicos e urbanos em sistemas e processos*. Sistemas no que se refere à delimitação do objeto e de seus componentes e processos relacionando com as sucessões dos diferentes estados do sistema. Nessa pesquisa considera-se a Praça da Graça como sistema e buscar-se-á compreender os processos pelos quais ela passou.

A pesquisa embasou-se em fontes de caráter primário e secundário. O primeiro refere-se aos mapas do início da formação da cidade, registros cartográficos atuais, bem como a fotografia, fonte visual passível de problematização, cuja análise e comparação entre o antigo e o atual proporcionaram maior compreensão do objeto e de suas rupturas urbanas. Quanto às fontes secundárias, trabalharam-se autores que discorreram sobre temáticas relacionadas com o objeto de estudo a fim de constituir um embasamento teórico sobre o assunto abordado.

Recorreu-se às edições do Almanaque de Parnaíba, registro dos hábitos, acontecimentos e história da sociedade parnaibana. Utilizaram-se também os dossiês de tombamento sobre o Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba, realizados pela 19ª SR PI (2008), seção regional do IPHAN no Piauí, cujo contato permitiu um aprofundamento maior no referente ao Conjunto Histórico da Praça da Graça e de seu entorno, bem como sobre a história e historiografia da cidade de Parnaíba.

¹ Disponível em: http://www.sintraovpm2011.com/ocs/public/conferences/1/docs/UNESCO_RECOMENDA.pdf?PHPSESSID=25f455cc3e79b22f3de89e90062ee414

² Mais detalhes em: BENEVOLO, Leonardo. *A cidade e o arquiteto*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1984, p.27

O conceito de lugar utilizado nesse trabalho é, segundo Roberto Ghione³ algo espacialmente delimitado, fixo e baseado “em variáveis de permanência como a geografia, o clima e determinadas práticas e comportamentos sociais”. É também Lugar, enquanto espaço, constituinte de um cenário de sociabilidades, pois, segundo Maurice Halbwachs⁴ uma sociedade só se desenvolve em um enquadramento espacial. Não há como pensar um acontecimento sem referência a uma localização. Assim, o lugar faz parte da existência constituída de coisas (cor, textura, forma, material). Logo o lugar é um fenômeno qualitativo espacial.⁵ Lugar refere-se, então, à inserção da Praça na cidade. A arquitetura e o Urbanismo em sua dimensão formal “materializam”⁶ e transformam os valores temporais e culturais, que surgem com a apropriação social do lugar, em determinada temporalidade.

A Praça da Graça deu início à vida urbana de Parnaíba. Espaços públicos são ricos em valores simbólicos e registram fatos urbanos que constituem a cidade como um todo, constituindo a memória coletiva de uma sociedade.

Logo, a Praça é considerada lugar de memória, segundo Pierre Nora⁷ por possuir as três dimensões que definem esses espaços: simbólica, funcional e material. Além de permitirem a diversificação de usos, sua finalidade primordial é o convívio de seus habitantes por meio do contato visual e interpessoal⁸.

A arquitetura e a paisagem também integram a memória por sediarem os acontecimentos e assim essa memória coletiva se espelha na transformação do espaço realizado pela coletividade. “A cidade é por si mesma depositária de história”⁹.

O presente trabalho visa contribuir para a história urbana estimulando novas pesquisas no âmbito da paisagem urbana histórica, de conjuntos históricos piauienses, através do estudo das transformações arquitetônicas ocorridas no logradouro da Praça da Graça, em Parnaíba, e de seu entorno, da análise das mesmas e do contexto em que ocorreram, construindo uma narrativa historiográfica acerca do objeto de estudo no recorte temporal proposto. Qualificar a Praça enquanto equipamento urbano implica qualificá-la através dos condicionantes históricos, arquitetônicos e sociais, relacionando o patrimônio edificado à consolidação da identidade de uma sociedade.

2 GÊNESE DA PRAÇA

Sobre a gênese parnaibana, Araújo afirma que a Praça da Graça “Nascia nos idos de 1761”¹⁰ a partir de um cruzeiro primitivo locado inicialmente “no espaço coberto de mato”¹¹.

³ GHIONE, Roberto. *Tempo e Lugar*. Disponível em <http://www.caupr.org.br/?p=6432> Acesso em 23/06/2013 17:17h

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

⁵ NORBERG, SHULZ, Christina. O fenômeno do lugar (1976) In: NESBITT, Kate (Org.) *Uma nova agenda para arquitetura*. São Paulo: Cosac Naily, 2006.

⁶ G., R., 2013

⁷ NORA, Pierre. *Entre história e memória: A problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

⁸ Ver: SENNETT, Richard, *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ ROSSI, 1998, p. 193

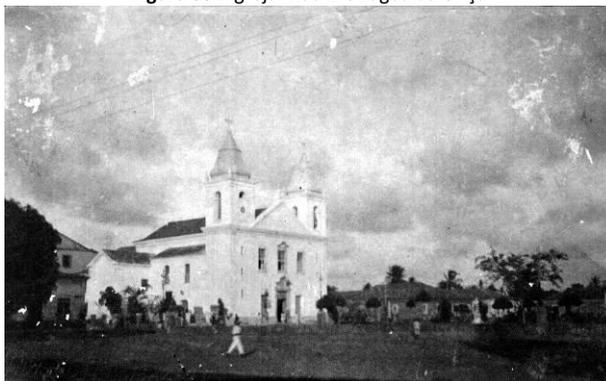
¹⁰ ARAÚJO, Maria Elita Santos de. *Parnaíba: O espaço e o tempo*. Parnaíba, Piauí. 2002 p.103

Caldeira (2007) considera, a partir da observação cartográfica da Vila de São João da Parnaíba o logradouro estudado como uma *praça formal*, criada a partir de um traçado quadriculado e racional, onde é possível perceber praças de usos diferenciados e específicos, a exemplo da colocação do pelourinho num quadrante após o largo da matriz.

Ao longo dos anos o espaço estudado possuiu várias denominações. A primeira foi *Lagoa da Onça*, nos tempos de feitoria do Porto das barcas, ao final do séc. XIX. Em seguida, na década de 1920 chamou-se *Largo da matriz*. Nos anos 30 intitulou *Largo Municipal*, posteriormente, *Praça Municipal*. Em meados de 1937 era *Jardim de Landri Sales* e por fim, *Praça de Nossa Senhora das Graças*, a *Praça da Graça* em homenagem a padroeira da cidade.¹²

Para Nunes (1995) “A maioria desses aglomerados não apresentava as condições minimamente necessárias à instalação de qualquer tipo de aparelho administrativo.¹³” o que pode ser comprovado com a observação de imagens obtidas no acervo iconográfico do IHGGP, como a da figura 03, onde obtém-se um panorama do início do século XX, no que se refere ao sítio da atual Praça da Graça.

Figura 03 - Igreja Matriz e Lagoa da Onça



Fonte: Arquivo Cosme Sousa, sem data.

Visualiza-se a Igreja de Nossa Senhora da Graça como foco principal da imagem e, em primeiro plano, a área da denominada *Lagoa da Onça*, pântano formado pela proximidade com o Rio Igarauçu.

É atribuída a Nestor Gomes Veras (1917-1920), durante seu governo como Intendente Municipal, a criação da Praça em análise. Porém, já no governo do Intendente Coronel Constantino Correia (1913-1914) existiram iniciativas de organização urbana¹⁴.

Dez anos após o governo de Nestor Veras, Ademar Gonçalves Neves, comerciante e professor de Inglês, era nomeado Prefeito Municipal da cidade, no ano de 1931, governando até 1934.¹⁵ Ademar foi o responsável pelo ajardinamento das praças, calçamentos e limpeza pública.¹⁶ Em

¹¹ Ibid.

¹² Sobre as diferentes sinomínias do logradouro estudado, ver: SILVA, Maria da Penha Fonte. *Parnaíba, minha terra*. Crônicas. Parnaíba, 1987

¹³ NUNES, M. Célis Portella. ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e cidades do Piauí. In: SANTANA, R. N. (org.) Piauí, formação, desenvolvimento, perspectivas. Halley. 1995. p.89

¹⁴ MELO, Neuza Brito de A. L. *O ecletismo parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX*. Dissertação, Mestrado em História do Brasil: UFPI, 2011.

¹⁵ FREITAS, Ruben. *Centenário do nascimento de Nestor Gomes Veras*. Parnaíba: Editora Júnior Ltda., 1984

¹⁶ Ibidem

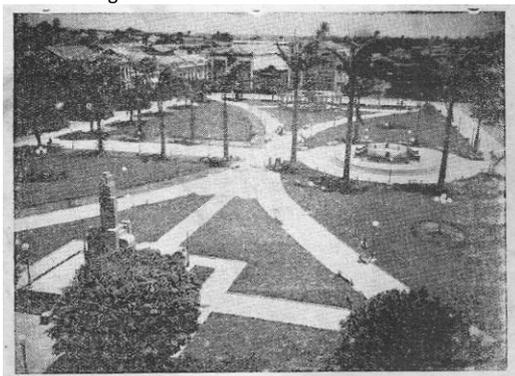
sua gestão, construiu o "Jardim Municipal"¹⁷ ou "Jardim do Rosário"¹⁸, que compunham o espaço da atual Praça da Graça.

O Jardim Landri Sales, como foi chamado o espaço construído e pavimentado defronte à Igreja Matriz, foi edificado posteriormente, na gestão de Mirócles Veras (1934 – 1935), eleito na primeira eleição municipal, a partir da criação dos cargos de Prefeitos no decreto nº 1.104 em 1930, reelegendo-se para governar também no ano de 1936.

Na década de 30 a Planta arquitetônica com o desenho do traçado e sua construção ficaram a cargo do engenheiro João Aragão¹⁹ que produziu uma morfologia de formas geométricas de percurso, favorecendo a criação de áreas recobertas de grama, com a disposição ordenada de árvores de médio porte, principalmente palmeiras, livres de obstáculos visuais. O paisagismo era constituído predominantemente de plantas rasteiras. A ausência de sombreamento com árvores de grande porte garantia maior visibilidade ao desenho e às construções do entorno, revelando um vazio no centro urbano, tornando a praça, em confronto com a massa edificada dos outros quarteirões, de proporções monumentais.

Na figura 04 o monumento de Independência se faz presente na imagem como ponto de interseção de múltiplos passeios, atuando como ponto focal da Praça, símbolo vertical de convergência.

Figura 04 - Jardim Landri Sales em 1938



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1938, p. 245.

Caldeira considera praças como a exposta acima, formais e regulares com função de contemplação, herança e influência dos padrões urbanos portugueses. Essa tipologia inseria o lugar praça como espaço topográfico dominante e polarizador do olhar²⁰.

As décadas de 1940 e 1960 são constantemente lembradas por diversos escritores que entre outros elogios afirmam que:

O jardim de Landri Sales e o Rosário, cujas flores multicores, com odores inebriantes espargindo-se no ar, alegravam a vida dos transeuntes. Dado a sua beleza juvenil foi considerada uma das mais belas praças do nordeste e sala de visitas de nossa Parnaíba. Alguém deve lembrar a viçosa e bela mangueira da praça. Confidente de tantas juras de amor, feitas a sua sombra nas tardes claras e ventiladas do verão, perpetuando sonhos. (ARAUJO, 2002 p.67)

¹⁷ Mais detalhes em: ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1932

¹⁸ SILVA, 1987

¹⁹ Ibidem

²⁰ CALDEIRA, Junha Marques. *A praça brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

São desse período as lembranças das retretas com a banda municipal, novenários da padroeira, curso carnavalesco, concentrações cívicas, comícios políticos, desfiles de estudantes, passeatas.

Nos anos 40 deu-se o apogeu das importações e exportações comerciais, que, para Josenias Silva²¹ foi “um fator preponderante para que aquela elite pudesse estreitar seus interesses e introduzir medidas de caráter modernizador no aspecto arquitetônico e urbanístico do município”.

Na segunda gestão do Prefeito Mirócles Veras, iniciada ao final dos anos 30 e finalizada já na metade da década de 40, o gestor retirou da praça os monumentos da coluna da independência, o obelisco e realizou modificações de traçado, calçamento e urbanização.²²

No início da década de 60 a praça passou por mais uma reforma, promovida pela prefeitura em parceria com a Associação Comercial de Parnaíba.

O traçado sofreu novas reestruturações e um relógio no alto de uma coluna formada pela base, comando central e locais luminosos para propaganda de cerca de 15 metros de altura foi implantado (Figura 05) e pode ser observado juntamente com os edifícios modernos e *Art Decó* que substituíram exemplares ecléticos ao fundo.

Figura 05 - Praça da Graça e seu relógio



Fonte: Neto, 2009, p. 04

3 PRAÇA DA GRAÇA: ANÁLISE DE PROJETO (1º MOMENTO)

Igualmente como o texto constitui uma linguagem com mensagens e significados, as fontes visuais podem ser consideradas itens constituintes de um discurso expresso em um código diferente da narrativa escrita.

Foram feitas simulações da planta da antiga da Praça e seus dois jardins, baseadas na observação de fotografias presentes no acervo iconográfico estudado, que serão analisadas histórica e arquitetonicamente a partir desse momento. Foi realizada uma reconstituição

²¹ SILVA, Josenias. *Parnaíba e o Averso da Belle Epoque: cotidiano e pobreza (1930-1950)*. (dissertação de mestrado). Mestrado em História do Brasil, UFPI. Teresina, 2012 p. 113.

²² SANTANA, , Judith. *Parnaíba.Parnaíba: COMEM/82* , 1982

bidimensional desse momento histórico urbano, com o traçado inicial dos dois logradouros, separados por uma importante via atualmente extinta, a Rua da Glória (figura 06).

Figura 06– Segunda configuração do Jardim do Rosário e Largo da Matriz



- | | | |
|----------------------------|-------------|-------------|
| 1 – Entrada do Cine Gazeta | 3 – Coreto | 5 - Relógio |
| 2 - Bar do Gago | 4 - Pérgula | |

Fonte: MEIRELES, 2013

Criado ainda nos anos 20, foi incorporado a extensas áreas verdes gramadas e caminhos semicirculares entrecruzados, componentes do projeto. Possuía amplos passeios laterais e a intersecção dos semicírculos que formam uma figura semelhante a um triângulo, onde, em sua centralidade, se destacam diferentes locais de contemplação e sociabilidade, a pérgula de ferro e o monumento da Independência. Fora da centralidade do retângulo espacial encontra-se locado o coreto, defronte à Igreja Matriz.

Os elementos de ferro tais como a pérgula, o coreto e os postes de iluminação foram inseridos no território da Praça durante o período de prosperidade econômica que permitiu a inserção da cultura urbanística e paisagística praticada nos centros europeus. A então denominada arquitetura metalúrgica ou estilo art nouveau, foi implantada na cidade em diversas formas construtivas e decorativas, sendo a origem principal a Inglaterra, até pela presença e influência de famílias inglesas em Parnaíba como era o caso dos Clark e da empresa Marc Jacob.

No Largo do Rosário, observa-se em seu espaço central considera-se o traçado geométrico de múltiplos caminhos, semelhantes a um labirinto, que transformam a travessia em local de encontro. Seu traçado era marcadamente geométrico, formal, racional e clássico que insere a estética urbana como “símbolo de uma ordem social e governamental”²³. Em contraste com os quarteirões edificados de influência colonial, a geometria plana das Praças facilitava a aglomeração de multidões e dava visibilidade a quaisquer manifestação, uma vez que muitos edifícios institucionais e socialmente relevantes encontravam-se ao redor desse vazio urbano²⁴.

²³ CALDEIRA, 2007 p.27

²⁴ Caldeira, 2007

Os desenhos apresentados, salvo as diferenças temporais e estéticas, denotam e referenciam a praça do conhecido como “período de progresso econômico e intensas trocas comerciais.” Lepetit²⁵ em seu texto sobre lugares urbanos e memória coletiva afirma que “Já que todas as condutas do grupo são cristalizadas por hábitos, elas registram configurações espaciais passadas.” Assim, o sítio apresentado configuraria o espaço das relações sociais da primeira metade do séc. XX, rompida ao final dos anos 70, onde se materializaram as mudanças da sociedade parnaibana no período.

4 A NOVA PRAÇA DA GRAÇA

O modernismo possuía em sua essência a ideologia de se diferenciar de antigas tradições, especialmente com o movimento anterior de historicismo, buscando inovar nas construções e no comportamento social.²⁶ Foi escolhido como estilo nacional, entre outros fatores, por encontrar-se em sintonia com o que acontecia no cenário internacional, o desenvolvimento de novos sistemas estruturais e indo de encontro com a necessidade formal de “um Estado que se queria novo”²⁷ como ocorria no período, sobretudo no governo de Getúlio Vargas.

No período estudado, muitas edificações que compunham o entorno imediato da Praça da Graça foram derrubadas para dar espaço às novas construções modernas, à exemplo da tipologia institucional adotada, de características pré estabelecidas e materiais mais avançados. Isso porque para os expoentes do modernismo internacional, Gropius e Le Corbusier “a arquitetura moderna traduzia um momento de ruptura com a sociedade anterior.”²⁸

As rupturas mais intensas na paisagem urbana estudada ocorreriam a partir do governo de João Batista Ferreira da Silva. Recebeu a cidade com os logradouros públicos bastante deteriorados. A Praça que anteriormente já havia sido uma das mais belas encontrava-se em situação precária de uso ou de proporcionar lazer à população. Era iminente e necessária uma grande reforma.²⁹ Partindo dessa necessidade e sem recursos para ser executada pela administração municipal, o prefeito firmou um convênio no valor de seis milhões de cruzeiros em 1979 destinados à reconstrução da praça com o Governo do Estado.³⁰ Essa reforma constituiu-se em um dos principais acontecimentos municipais no período e será analisada mais profundamente no item a seguir.

Baseada nas concepções modernas de desvinculação com o passado para realização do novo projetou-se uma praça completamente distinta da anterior, palco das memórias coletivas por sediar importantes acontecimentos históricos. Isso alterou significativamente a relação de identidade dos usuários com o local. O projeto aprovado pela Secretaria de Obras foi encomendado junto ao tradicional escritório Borsoi, em Recife. Com as obras já iniciadas pela construtora Engene, notou-se que a nova praça não atendia as exigências em contrato, mas, segundo Silva (1978) o real motivo para a total demolição foi a leitura errônea do projeto. Uma vez descoberto o erro, se fez necessário o desmanche do serviço acarretando a destruição.

²⁵ 2001 p. 148

²⁶ CALVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura, patrimônio. In: *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999 p.180

²⁷ *Ibidem* p.182

²⁸ C., 1999 p.180

²⁹ S., 1982

³⁰ *Ibidem*

Em seguida, deu-se a paralisação das obras por falta de recursos. A população protestou quanto a retirada de itens de valor histórico do local e, rapidamente agruparam-se criando meios de expressar seu descontentamento através da delinquência, considerada por Certeau como opção extrema da atividade microbiana de caráter contestador, e da subversão dos instrumentos delimitadores da obra, os tapumes. No dia 30 de agosto de 1979 aconteceu um incêndio criminoso provocado por estudantes e populares, com apoio de adversários políticos do prefeito. Os tapumes que cercavam a obra da praça foram incendiados em afronta à paralisação dos serviços.³¹

A praça original dividida em duas partes e que possuía enorme apego sentimental pela população daria lugar a um projeto do Design Gerson Castelo Branco, completamente distinto inserido no contexto de modernização. A figura 07 contém a planta baixa do projeto. Em vermelho encontra-se identificado o monumento da independência e em cinza escuro, mais abaixo na imagem foi construído um quiosque.



Fonte: MEIRELES, 2013

A nova proposta urbana priorizou a concepção moderna de praça como espaço livre, de circulação e área verde.³² Os dois jardins deram lugar a um lago artificial iluminado com duas plantações de pau Brasil.

O autor do projeto utilizou-se de elementos típicos da concepção modernista, como as placas de concreto utilizadas na passarela sobre espelhos d'água e fontes. Após essa transformação, a praça permaneceu inalterada até o ano de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN no ano de 2008.

³¹ S., 1982

³² CALDEIRA, 2007

5 DISCUSSÃO: O NOVO E O ANTIGO NA PRAÇA DA GRAÇA

Faz-se necessário apreender as transformações através do estudo das modificações identificadas para compreender de que maneira se formulou a paisagem urbana do objeto de estudo, paisagem esta a ser conservada para as próximas gerações através do instrumento de Tombamento na esfera do poder público federal.

No primeiro momento de formação do Logradouro Praça da Graça a atividade comercial da cidade encontrava-se em ascensão, logo no início do séc. XX, devido às trocas comerciais e exportação de produtos e matérias primas. Essa intensa movimentação financeira na cidade interferiu no processo de urbanização da praça, enquanto equipamento público, através da implantação de elementos símbolos como o coreto (proveniente do exterior), a pérgula, o relógio e na própria manutenção dos canteiros, ornamentação de seus jardins e demais equipamentos urbanos, como os postes de iluminação, também importados da Europa.

No segundo momento, já no recorte temporal analisado, observa-se a ruptura do local de memória, juntamente com a quebra da identificação do local com a sociedade através do projeto de reforma inovador, não aprovado afetivamente pela sociedade local.

Para Relph (2002) “Toda transformação do meio ambiente é criticada por alguém. Quanto maiores são as transformações, maiores são as críticas. (...) Esse sentimento de ultraje à modernização era generalizado”³³ generalização esta, que se dava justamente pelo carácter impositivo de implantação do considerado “progresso”.

Lepetit afirma que “A perda da qualidade do ambiente físico é acompanhada do desaparecimento de valores culturais essenciais”³⁴. A destruição da memória urbana da praça antiga que resultou no projeto moderno analisado se deu em conjuntura com as transformações sociais e políticas de um determinado momento, relacionando diretamente o espaço social com a organização material da cidade³⁵.

O patrimônio cultural que outrora consolidou a identidade da sociedade parnaibana em determinado período deu espaço para novas concepções arquitetônicas que foram apropriadas de maneira diferente, constituindo com o passar dos anos um outro local de memória, também constituinte da identidade parnaibana.

6 CONCLUSÃO

As diversas modificações urbanas e arquitetônicas ocorridas nas décadas de 70 e 80 faziam parte do pensamento moderno de desvinculação com o passado para realização do “novo”. Essas alterações foram feitas com o sentido político de imprimir sua marca em um logradouro importante da cidade, perpetuando os feitos de uma gestão.

A região analisada, inserida no bairro berço da cidade de Parnaíba, possuía a Praça como ponto focal da cidade. Passou por inúmeras intervenções que levaram às descaracterizações e retiradas de itens de valor sentimental e histórico, devendo ter sua história preservada. A memória de um local repleto de fatos históricos é vital para a compreensão da transformação social.

³³RELPH, Edward. *A Paisagem urbana moderna*. Lisboa: Edicoes 70, 2002 p.189

³⁴ 2001 p.19

³⁵ Ibidem.



O presente trabalho não conclui, nem encerra as discussões sobre a Paisagem Histórica Urbana da Praça de Nossa Senhora da Graça, mas antes, aponta caminhos e abre lacunas que deverão ser preenchidas por novas investigações sobre o patrimônio histórico, arquitetônico e urbanístico do município de Parnaíba.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: Editora Ranulpho Torres Raposo, 1932.
- ARAÚJO, Maria Elita Santos de. *Parnaíba: O espaço e o tempo*. Parnaíba, Piauí. 2002 p.103
- BENEVOLO, Leonardo. *A cidade e o arquiteto*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1984, p.27
- CALDEIRA, Junha Marques. *A praça brasileira*. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007
- CALVALCANTI, Lauro. *Modernistas, arquitetura, patrimônio*. In: Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999 p.180
- FREITAS, Ruben. *Centenário do nascimento de Nestor Gomes Veras*. Parnaíba: Editora Júnior Ltda., 1984.
- GHIONE, Roberto. *Tempo e Lugar*. Disponível em <http://www.caupr.org.br/?p=6432> Acesso em 23/06/2013 17:17h
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda. 1990.
- LEITÃO, Lúcia. (org.) *As praças que a gente tem, as praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças*. Recife: Secretaria, 2002.
- MELO, Neuza Brito de A. L. *O ecletismo parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX*. Dissertação, Mestrado em História do Brasil: UFPI, 2011.
- NORA, Pierre. *Entre história e memória: A problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NORBERG, SHULZ, Christina. *O fenômeno do lugar* (1976) In: NESBITT, Kate (Org.) Uma nova agenda para arquitetura. São Paulo: Cosac Naily, 2006.
- NUNES, M. Célis Portella. ABREU, Irlane Gonçalves de. *Vilas e cidades do Piauí*. In: SANTANA, R. N. (org.) Piauí, formação, desenvolvimento, perspectivas. Halley. 1995. p.89
- RELPH, Edward. *A Paisagem urbana moderna*. Lisboa: Edicoes 70, 2002 p.189
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes. 1998
- SANTANA, Judith. *Parnaíba*. Parnaíba: COMEM/82, 1982.
- SENNETT, Richard, *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Josenias. *Parnaíba e o Avesso da Belle Epoque: cotidiano e pobreza (1930-1950)*. (dissertação de mestrado). Mestrado em História do Brasil, UFPI. Teresina, 2012 p. 113.
- SILVA, Maria da Penha Fonte. *Parnaíba, minha terra*. Crônicas. Parnaíba, 1987.